

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

ROSANA SILVANA DA SILVA.

1812

"Bairro e Fábrica:
Espaço Político e Participação Popular.
Uberlândia - 1980-1986"

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA
N.º 129
Data 07.04.97

1.613 S.9 (C)

Fevereiro 1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - CDHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-912 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

1156

*“Bairro e Fábrica:
Espaço Político e Participação Popular.
Uberlândia - 1980-1986”*

Monografia desenvolvida pela
Graduanda **Rosana Silvana da
Silva**, e apresentada como
critério para conclusão de curso,
sob a orientação do **Prof. Paulo
Roberto de Almeida** no
**Departamento de História da
Universidade Federal de
Uberlândia**

Fevereiro/1997

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	01
CAPÍTULO I	
A Associação de Moradores do D. Zulmira:	
Aprendizado e Participação Política.....	11
CAPÍTULO II	
A Oposição Sindical e a Luta Pela	
Conquista do Sindicato.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
FONTES.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	36

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU		
N.º		
Data	/	/

Dedicatória

Aos meus pais que no seu silêncio me deram apoio nesta caminhada.

Aos meus irmãos e aos companheiros de curso.

A meu esposo Cláudio pelo apoio, amizade e incentivo.

A todos amigos que direta ou indiretamente contribuíram ao longo do curso.

Agradecimentos

Agradeço a todos os professores e alunos que me acompanharam nesta trajetória.

Ao meu Orientador Paulo Roberto Almeida, pela paciência, compreensão e amizade, que soube entender a minhas limitações e dificuldades. E, a Célia sua esposa pelo incentivo.

As amigas Nédima, Luciene, por seu companherismo.

Ao meu esposo Cláudio, com carinho especial pelo apoio, dedicação. Obrigado por tudo.

Bairro e Fábrica: Espaço Político e Participação Popular.

Uberlândia - 1980-1986

APRESENTAÇÃO

*A*s transformações ocorridas na sociedade brasileira na década de 80, com a ação dos vários movimentos existentes tem gerado reflexões na academia, no sentido de perceber o que levou a esses acontecimentos e também as suas formas de ações, onde grande parte da população se organizou em vários movimentos e articularam no sentido de buscarem melhorias no campo social e político.

Essas mudanças foram possíveis, a partir do momento em que uma grande parte de trabalhadores começaram a se organizar, a discutir as suas dificuldades, a buscar caminhos que levassem a reverter a realidade que estavam vivenciando naquela determinada conjuntura. Nesse sentido, os movimentos sociais contribuíram expressamente para transformações no meio social, mesmo que essas transformações tenham sido específicas no que diz respeito ao atendimento de determinados segmentos sociais.

Eder Sader analisando a emergência dos movimentos sociais na cidade de São Paulo, aponta a importância das várias práticas políticas na luta pela democracia.

“Os movimentos sociais foram um dos elementos da transição política em 1978 e 1985. Eles expressam tendências profundas na sociedade que assinalavam a perda da sustentação do sistema político instituído.

Expressavam a enorme distância existente entre os mecanismos políticos instituídos e as formas de vida social. Mas foram fatores que aceleraram essa crise e que apontaram um sentido para a transformação social. Havia neles a promessa de uma radical renovação da vida política”.⁽¹⁾

O país estava saindo de um governo ditatorial, que ficou marcado pela repressão política, a qual dificultou a organização dos movimentos existentes, principalmente os movimentos de esquerda. Diante disso os trabalhadores não tinham o direito de expressar as suas ansiedades. Ao final deste período e mesmo com a repressão ainda presente, esses trabalhadores tiveram dificuldades para se reunirem mas conseguiram de várias formas se encontrarem e debaterem os seus problemas. Essa nova forma desses trabalhadores atuarem na sociedade, lutando, reivindicando, tornou-se mais expressiva com o intercâmbio entre os vários grupos organizados naquele período, entre os quais a igreja católica, na sua linha progressista, teve relevante contribuição, o que facilitou para os movimentos sociais alavancarem, e marcaram o período de 80.

Através da teologia da libertação a igreja busca novas formas de atuar junto ao povo, onde as questões da sobrevivência e as contradições sociais são refletidas ⁽²⁾. Isso foi decorrente da perda de fiéis que estava acontecendo na igreja católica. Nesse sentido o incentivo da igreja católica na formação de grupos que discutissem sua realidade incentivou na explosão desse movimentos nesse período.

¹ - SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram em Cena, Esperanças e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. RJ, Paz e Terra, 1988, p. 313.

² - Para melhor apreender os significados destes movimentos ver, Ana Maria Doimo, Os Rumos dos Movimentos Sociais nos Caminhos da Religiosidade, in: KRISKE, Paul & SCOLT, M. (Org.). Igreja nas Bases em Tempo de Transição 1974-1985. Editora L & M, 1986, p. 101-119.

“A igreja ofereceu agentes pastorais cujos conhecimentos e dedicação foram indispensáveis para o funcionamento das comunidades, sua continuidade e a capacitação de seus membros, ofereceu uma estrutura organizativa que permitiu trocas de experiências, deliberações mais amplas, acessos a meios de comunicação e autoridades administrativas”.⁽³⁾

Cada movimento possuía sua característica própria. Os vários grupos que se destacaram foram: Clubes de mães, Grupo de Jovens, Comunidade Eclesial de Base, Pastoral Operária, Pastoral Da Terra, Associação De Moradores, Movimento Sindical, etc.

“Nessa trajetória é interessante perceber a construção de espaço que articulavam experiências diferenciadas. A criação da Pastoral, por volta de 1974-75 é significativa nesse sentido. Em primeiro lugar, porque sendo seu surgimento vinculado, em grande medida às iniciativas dos grupos operários católicos carregava as marcas dos acontecimentos de 1964 e 1968. Em segundo lugar, constituindo-se num espaço aberto de atuação - talvez o único existente na época - chegou a aglutinar operários vinculados ou não a organizações de esquerda e que também eles, traziam a herança dos anos 60. Em terceiro lugar, a pastoral desenvolveu uma prática militante nos bairros com seus membros participando dos grupos comunitários das comissões de moradores e movimentos reivindicatórios, de forma que incorporava e elaborava um sentido comum as experiências vividas nos bairros e nas fábricas”.⁽⁴⁾

Face a essa organização da pastoral operária que era compostas por pessoas com experiência diferenciada unindo-se a outros movimentos que

³ - SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram em Cena, Esperanças e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. RJ, Paz e Terra, 1988, p. 160.

⁴ - TELLES, Vera Silva. Anos 70: Esperanças, Práticas e Espaços Políticos, , in: KOWARICK, Lúcio (org.). As Lutas Sociais e a Cidade de São Paulo: Passado e Presente. Paz e Terra, SP, 2ª ed., 1994, p.268.

também envolvido por pessoas com diferentes experiências, possibilitou um maior conhecimento e força para reagirem contra o sistema em que estavam inseridos as pessoas.

A organização desses grupos se deu através de reuniões onde os membros trocavam experiências, em locais diferenciados, ou seja nos bairros, onde as pessoas discutiam as dificuldades do seu cotidiano. Essas reflexões tiradas eram levadas a “encontrões” entre os grupos fazendo sempre um elo entre eles, com isso os movimentos foram se fortalecendo. Destacando-se o grupo da Pastoral Operária que vai apoiar as associações de moradores, o movimento sindical e integrar na formação do partido dos trabalhadores. ⁽⁵⁾

O sindicalismo existente durante o período de 60 (ditadura militar), adquiriu formas que atendia a vontade do Estado. Era um sindicato que visava a atender os benefícios patronais, se caracterizava como extremamente conservador, podemos perceber na análise que Lúcia Oliveira conclui:

“Além da forte repressão, há também o controle da política salarial que passa a ser exclusiva competência do governo federal com poderes de fixar índices únicos de reajustes e anular a qualquer acordo salarial acima destes. É extinta a estabilidade no emprego, decretada a lei 4330 de restrição ao direito de greve e aprofunda-se a intervenção na vida sindical.

Ao mesmo tempo, visando construir as bases da sustentação dos sindicatos dentro de uma concepção cada vez mais assistencialista, o governo introduz uma série de medidas tais como: vantagens aos sindicalizados na obtenção de emprego, financiamento da casa própria no BNH ou outros sistemas privados, bolsa de estudo para educação secundária ou profissional entre outros. Impulsiona também a formação

⁵ - Doimo, Ana Maria, op. cit., p. 113.

de liderança através de um programa de treinamento de líderes sindicais".⁽⁶⁾

Essa atuação do sindicato, onde nada se faz em benefício do trabalhador, contribuiu para a emergência dos grupos católicos em especial da Pastoral Operária, que opera significativas mudanças nesse quadro à medida que abre espaço para discussão das questões relativas à vida cotidiana dos trabalhadores.⁽⁷⁾

Os grupos se reuniam nos bairros debatiam os seus problemas e seus direitos, passando a questionar não só os problemas do bairro, como também dentro da fábrica, lutando por melhores condições no ambiente de trabalho, melhores condições salariais. Nesse sentido os trabalhadores foram se organizando, procurando mecanismos que auxiliassem nessa luta, direcionada para a formação de um novo sindicalismo que buscava autonomia e na formação de um partido que os representasse.

Essa forma de organização do trabalhador se destacou mais nas grandes cidades como São Paulo, por possuir um número maior de fábricas existentes, que aglutina uma quantidade maior de funcionários, os quais fizeram grandes mobilizações, causando repercussão na sociedade. Os trabalhadores começaram a se manifestar através de passeatas, greves, etc., sendo um exemplo dessas mobilizações o MCV.

O MCV (Movimento do custo de vida) originou-se dos clubes de mães que começaram a se preocupar e a questionar o alto custo de vida. Juntamente com

⁶ - OLIVEIRA, Lúcia L. O Movimento Operário em São Paulo - 1970-1975, in: SADER, Emir. (org). Movimentos Sociais na Transição Democrática. SP, Cortez, 1987, p. 26

⁷ - A respeito dessa argumentação ver, VARUSSA, Rinaldo José. Pastorais Operárias: Religiosidade, Propostas e Práticas Políticas. São Paulo, 1964-1975, PUC/SP, dissertação de mestrado.

outros grupos elaboraram um documento recolhendo várias assinaturas e enviaram as autoridades.⁽⁸⁾

Outras formas de ações dos trabalhadores foram as greves que aconteceram no período como: a greve da Scania-vabis, onde os operários pararam totalmente, e a greve dos metalúrgicos do ABC em 78,80.⁽⁹⁾

Esses movimentos conforme conclui Eder Sader, foram vistos pelas suas linguagens, pelos lugares de onde se manifestavam como indicadores de emergência de novas entidades coletivas.

Esse período, foi marcado pelas reivindicações de uma grande parte da população, contando também a presença da mulher que se destaca na sociedade, atuando de várias formas, no trabalho, nos movimentos. Porém, por outro lado traz uma reflexão no sentido de questionar, o quê e o porquê da lentidão política e social das pessoas na década de 90, sendo que as dificuldades continuam como desemprego, a fome, o baixo salário, etc.

Levando em consideração as contribuições desse debate, o propósito deste trabalho é analisar como esses movimentos se fizeram presentes na cidade de Uberlândia, com especial atenção para a associação dos moradores e a eleição sindical no sindicato dos trabalhadores nas indústrias alimentícias de Uberlândia.

No que se refere a associação cumpre analisar as motivações que levaram os moradores a se organizarem, e a sua relação com o poder público municipal, uma vez que a sua emergência coincide com a ascensão à Prefeitura do candidato

⁸ - Sobre a discussão da autonomia dos clubes de mães, frente ao poder instituído ver, SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram em Cena, Esperanças e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. RJ, Paz e Terra, 1988.

⁹ - op.cit. p. 199-310

do PMDB (então partido de oposição), empunhando a bandeira da democracia e da participação popular.

O candidato do PMDB na disputa pela eleição a prefeito da cidade visitou vários bairros periféricos, procurando lideranças de grupos ligados a igreja católica, ou pessoas mais conhecidas no bairro para mostrar a sua proposta.

Ele propôs um programa onde o seu governo estaria ligado com a participação “popular”. Nesse sentido incentivou a formação da associação no bairro, garantindo a esses moradores que sendo eleito, as necessidades, as reivindicações que fizessem seriam levadas pela associação para serem atendidas.

Diante dos problemas encontrados esse programa de governo incentivou os moradores a formarem a associação, mesmo sendo um serviço prestado sem qualquer benefício salarial.

Por este aspecto como argumenta Nizia ALVARENGA, algumas associações foram organizadas por estímulos externos aos bairros, por exigência de órgãos públicos, pelas organizações de base da igreja e partidos políticos. Porém teve incentivo maior com o candidato do PMDB.

“Até as eleições de 1982 haviam sido formadas 11 AMS (Associação de moradores). Após a posse do Prefeito eleito, estas já somam 32 devido ao incentivo e orientação que sua administração vem dispensando no sentido de organização dos vizinhos, em AMS, como condição para o atendimento das inúmeras reivindicações individuais e particularizados que chegam as diversas secretarias”.⁽¹⁰⁾

¹⁰ - ALVARENGA, Nizia M. As Associações de Moradores em Uberlândia: Um Estudo das Práticas Sociais e das Alterações nas Formas de Sociabilidade. PUC, São Paulo, 1988, mimeo, p. 83.

Mesmo obtendo um caráter de integração com a população, as associações contribuiriam com a administração Municipal no sentido de conhecer todos os problemas e as ações tomadas, podendo assim se precaver e tentar impedir movimentos que fugiriam ao seu controle.

Assim também foi com CMEC (Conselho Municipal de Entidades comunitárias), o qual contava com a participação de vários representantes das associações de bairros, e tinha o objetivo de discutir os problemas que abrangiam a cidade de Uberlândia, como exemplo: o aumento da passagem de ônibus, o aumento de água, etc. Porém esse órgão, conforme conclui Nizia,⁽¹¹⁾ não trouxe grandes avanços para a população pois as decisões finais eram sempre do prefeito.

Essa forma de atuação do poder municipal deixa claro os interesses políticos que existiam, uma vez que a postura política, era de evitar problemas que prejudicassem a sua imagem.

“De uma maneira geral toda a política social da Administração Municipal visa sedimentar o apoio popular para eleições futuras.”⁽¹²⁾

Mesmo diante dessa proposta de governo que impunha um certo limite aos moradores, não foi barreira para buscarem melhorias para seu bairro. A necessidade fez com que se reunissem e lutassem usando de vários mecanismos para serem atendidos em suas reivindicações, é o que trabalharei no capítulo I.

A força que os moradores encontraram contou com a união de movimentos, principalmente os ligados a igreja católica que se articulavam no

¹¹ - ALVARENGA, Nizia M. op. cit.

¹² - id. Ibid, p. 86.

período como: grupo de jovens, clube de mães, pastoral operária. Apesar desses grupos atuarem em áreas específicas membros deles se relacionam na sociedade fazendo uma troca de experiência, no sentido de conhecer os problemas e buscarem soluções que vinham a atender as suas necessidades. Esses trabalhadores estavam imbuídos no processo por melhores condições em seu bairro, e nas fábricas buscando melhor valorização enquanto profissional, seja através do salário ou no local de trabalho.

Em decorrência dessas necessidades, o sindicato nesse período sofreu grandes mudanças, ocasionadas pela luta dos trabalhadores para mudar a estrutura sindical, que não agia em benefício do trabalhador, o que não é diferente do que ocorre a nível nacional que foi tratado anteriormente.

Mesmo diante da conjuntura, a luta pela transformação implementada pelos trabalhadores foi forte e concreta, abriu espaço para debaterem os seus problemas. A trajetória percorrida por esses trabalhadores trabalharei no capítulo II, com a eleição do sindicato da Alimentação. A importância das eleições sindicais, insere-se na perspectiva de discutir a origem do grupo, as suas motivações e dificuldades e a percepção desse grupo em relação às questões nacionais que estão colocadas neste momento.

Depois de exposto sobre o tema que propus a trabalhar, vou colocar aqui alguns comentários sobre o caminho da pesquisa.

A escolha deste tema foi motivado por ter nascido em Uberlândia e por ser o Bairro Dona Zulmira em que morei, convivendo com as dificuldades ali presentes, e por ter participado na década de 80 da associação de moradores e também de grupos ligados à igreja católica. Diante disso questionamentos foram

surgindo no sentido de conhecer o contexto em que estava inserida a associação de moradores . E também verificar as dificuldades encontradas pelo trabalhador em seu local de trabalho.

Limitei-me a abordar esses dois movimentos, porque trabalho 8 horas diárias, o que também influenciou no desenvolvimento da temática proposta . Outra dificuldade encontrada , foi quanto a pesquisa, pois uma das fontes que utilizei foram os jornais da cidade, sendo o Primeira Hora, pesquisando o período de 1980 a 1986 e o Correio de Uberlândia no mesmo período, e os locais de pesquisa não funcionam fora do horário comercial.

Outra categoria de fonte utilizada constituiu-se de fontes orais⁽¹³⁾. Entrevistei moradores do bairro nesse período e utilizei a fita gravada na 1ª Mostra do CDP (Centro de Documentação Popular), onde vários sindicalistas falaram da sua trajetória na luta sindical. Pude perceber com a pesquisa efetuada nos dois jornais, que as reportagens com referência ao movimento popular aparecem em maior quantidade no Jornal Primeira Hora. Isso se deve ao fato desse jornal ser um meio de divulgação da administração municipal. Mesmo sendo um jornal que traz mais acontecimentos, não existia dados suficientes para desenvolver o tema proposto.

¹³ - Os relatos dos trabalhadores/moradores aparecerão no texto, em itálico e parágrafo especial, assim como as outras fontes. Entretanto não serão citados nomes dos entrevistados, objetivando resguardá-los de eventuais problemas originados a partir de meu trabalho.

CAPÍTULO I

*A Associação de Moradores do Bairro Dona Zulmira:
Aprendizado e Participação Política*

O bairro Dona Zulmira é considerado um dos mais antigos da cidade de Uberlândia. O bairro era muito conhecido devido ao Frigorífico Caiapó, que empregava muitas pessoas de diversos bairros, e a maioria dos moradores eram empregados deste frigorífico.

O Frigorífico tinha um fluxo de serviço muito grande, o que exigia muito de seus empregados, os quais eram obrigados a fazer horas extras. Porém o salário pago não satisfazia os trabalhadores é o que podemos perceber num relato de um trabalhador:

“Na época em que teve reivindicações de salário, um trabalhador foi até o dono do frigorífico, para falar das dificuldades enfrentadas por causa do baixo salário. A resposta foi num sentido de gozação. Ele disse que havia nascido em um berço de ouro e não entendia nada que o “outro” estava falando.”

O bairro se configurava com o poder aquisitivo baixo, havia um desleixo pelas autoridades, não possuía uma infra-estrutura, faltava luz, água, asfalto, esgoto, tinha um acúmulo de lixo nos terrenos baldios, tinha dificuldades em transportes, em saúde, em lazer, etc.

A escola que tinha no bairro era até 4ª série, funcionava para atender aos filhos dos trabalhadores do Frigorífico Caiapó. O Estado pagava as professoras, forneciam o lanche, e o dono do frigorífico subsidiava os gastos com os materiais como: sala, cadeiras, quadro, etc. O local da escola ficava junto a uma colônia de casas que era conhecida como “colônia do Caiapó”, onde trabalhadores mais antigos moravam.

Algumas professoras da escola eram filhas do gerente do frigorífico, e também tomavam frente nos acontecimentos ligados a igreja católica, como: catequese, liturgia, organização da igreja, festas, etc.

Percebe-se então que o frigorífico exercia um grande controle sobre a vida dos moradores, além da exploração do trabalhador.

A maioria dos moradores são antigos, residem a muitos anos no bairro, todos se conheciam. Face a isso as relações sociais existentes caracterizavam-se pela amizade, ajuda, visitas, conversas nas esquinas, nas portas de suas casas no fim de tarde, festas, brincadeiras nas ruas entre os adolescentes, como: pique de esconder, cobra cega, duro e mole, bater bola, carimbada, etc.

Existia também o terço que era celebrado no dia dos Santos: São Pedro, São João, Santo Antônio. A celebração acontecia na casa de algumas famílias, as quais convidavam os conhecidos e parentes para participarem. Durante o ato soltava-se foguetes, levantava bandeira do Santo que comemorava, ascendia a fogueira que era preparada antes, a qual era usada para batizar criança através de uma reza em círculo. Encerrava-se a festa com distribuição de comida e bebida aos participantes.

Existia também folia de reis que contava com grande participação dos moradores do bairro, onde a maioria trabalhava no Frigorífico Caiapó.

Essa festa é marcada pela visita dos foliões as casas dos moradores do bairro, arrecadando dinheiro, comida, para encerrar a festas dos três reis. Dessa festa sempre se tirava um novo capitão da folia que daria prosseguimento no ano seguinte.

O futebol era outra forma de reunir o pessoal, principalmente os jovens. No bairro tinha-se um campo de futebol onde vários times jogavam, ficando cheio com a presença dos moradores nos finais de semana e principalmente quando o time do bairro disputava campeonato.

Outra forma de diversão que atraía os jovens e velhos do bairro era a quermesse da igreja católica N.S.^a. Do Carmo, que acontecia no mês de Junho ou Julho, e as vezes se prorrogava devido à empolgação das pessoas.

Para acontecer a quermesse era preciso ter os festeiros por cada dia de festa, ou seja a equipe organizadora da festa convidava famílias para participarem levando objetos que eram chamados de “prendas”, para serem “leiloados” (vendidos) durante a festa. O dinheiro arrecadado durante a quermesse era usado para a igreja na construção de salão paroquial, pagar água, luz, etc.

As famílias convidadas para participarem da festa como festeiros, que era a grande maioria do bairro, iam também nos bairros vizinhos, nos parentes, amigos, pedindo “prendas” e convidando-os para a festa.

A quermesse contava também com as barraquinhas de pipoca, refrigerantes, salgados, mané-pelado, e de brincadeiras como: argolas, cadeia do amor, correio elegante, músicas, etc.

A organização, o trabalho para acontecer a festa era feita por pessoas voluntárias que participavam dos movimentos ligados à igreja católica.

Os movimentos ligados a igreja católica que existiam no bairro, não eram diferentes do que se tinha a nível nacional, eram: Clube de Mães, que funcionava um dia na semana, ensinavam a corte de cabelo, bordar, fazer unha, pintar, fazer crochê, e discutia também os problemas do bairro, ajudando a refletir as dificuldades do dia a dia enfrentada em casa e no bairro.

O grupo de jovens também existia contando com um número expressivo de jovens. O grupo tinha momento de oração, reflexão sobre os problemas enfrentados no bairro, cantavam, faziam visitas a outras comunidades, faziam serenatas, promoviam debates sobre diversos temas.

Outro movimento que pode ser destacado é o da pastoral operária que tinha o objetivo de discutir as dificuldades e os direitos dos trabalhadores.

A catequese também se organizava, buscando a formação da criança.

Esses grupos mantiam intercâmbios com outros grupos que se reuniam e discutiam seus problemas, traçavam e executavam as propostas obtidas.

Nesse sentido percebe-se que igreja então ganha espaço no bairro e ajuda na conscientização dos moradores que passam a observar e a questionar os problemas não só do bairro. Em decorrência de um intercâmbio entre grupos e pessoas de outros bairros e discussões da própria comunidade.

A maioria dos moradores principalmente os mais jovens possuíam uma formação escolar com nível baixo, somente até a 4ª Série, isso decorrente das dificuldades enfrentadas para prosseguir, pois até a 4ª série tinha na escola do bairro, para dar seqüência, seja 5ª, 6ª, ou outros cursos, era preciso se deslocar

para fora do bairro tornando-se um trajeto difícil, pois não tinha ônibus no bairro, e nem outros meios como táxi, etc. Era preciso caminhar até outro bairro, e o mais próximo era o Martins para acessar o ônibus. Na maioria das vezes enfrentando sol ou chuva:

“A gente chegou ainda menino no bairro, aquela dificuldade toda né, para estudar, e ir até o centro né, e as dificuldades foram aumentando”.

Portanto é possível dizer que as condições de vida levou a proposta de organizações e a criação de mecanismos eficazes no sentido de instrumentalizar as várias lutas que passaram a atender minimamente as suas reivindicações. Nesse sentido é que entendo a formação da associação de moradores.

A vontade dos moradores de buscarem melhores condições para o bairro, vem de encontro com a força da igreja católica que dá subsídios através de debates, esclarecimentos aos moradores, e incentivo na formação de um núcleo que discutisse os problemas juntamente com administração municipal.

“A gente sempre procurava a prefeitura e não era recebido”.

É possível perceber nesta fala que já havia uma articulação dos moradores, porém tinha um desinteresse pelo poder municipal em atendê-los, motivos esses que os incentivaram quando o candidato do PMDB apresentou suas propostas.

Foi realizado um trabalho procurando os moradores do bairro garantindo aos mesmos participação popular no seu governo, e que isso iria concretizar através da associação de moradores.

Essa forma de governo seria para esses moradores um meio de amenizarem as dificuldades que estavam vivenciando no bairro a vários anos, e que ainda não tinham sido atendidas.

Diante dessas propostas os moradores começaram a se articular no sentido de apoiar o candidato e a formarem a associação.

Percebe-se então que a campanha eleitoral do candidato a prefeito do PMDB, procurou uma aliança com os anseios dos moradores que buscavam meios para resolverem sua dificuldades presentes no seu dia a dia, quais sejam falta de infra estrutura, escolas, assistência médica, etc.

O primeiro contato que o candidato fez, foi com pessoas mais conhecidas no bairro e também com pessoas que estavam atuando em movimentos ligados a igreja católica, de onde vai surgir vários membros da associação.

As necessidades que existiam no bairro Dona Zulmira, estavam ocorrendo em vários bairros periféricos de Uberlândia carentes em infra-estrutura, o que fortaleceu o projeto do candidato do PMDB, conseguindo com esta articulação eleger-se prefeito da cidade.

Com a nova administração as associações deveriam ser um meio legal de reivindicações dos moradores.

Para isso todas as associações teriam que ser registradas, terem o seu estatuto. As pessoas ligadas aos órgãos público da prefeitura, atuaram nos bairros explicando, auxiliando como registrar a associação.

E no bairro Dona Zulmira a associação de moradores foi criada em 13 de Agosto de 1985:

“Com o apoio de Zaire Rezende e seus secretários que foi falando como é que agente deveria a registrar a associação, registramos a associação a qual se tornou realidade né”.

É uma associação devidamente legalizada conforme cita Sandra LIMA no documento a seguir.

“Estrato do Estatuto da Associação de moradores do bairro Dona Zulmira, de Uberlândia MG.

A associação de moradores com sede em Uberlândia Mg, é uma sociedade civil de caráter não econômico e lucrativo, organizando exclusivamente para prestação de serviços sócios comunitários e construída por tempo indeterminado.

Sua administração e direção será constituída pelos órgãos, Assembléia geral, diretoria e conselho fiscal”.⁽¹⁴⁾

Com associação formada era preciso que os moradores se reunissem para discutirem as suas reivindicações.

Mesmo não obtendo retorno financeiro, os membros da associação tinham grande vontade, e eram responsável por convidar todos moradores, organizar, e deixar registrada as decisões tomadas nas reuniões.

Essa disposição dos moradores poderia estar vinculadas a interesses políticos, mas por outro lado havia interesse em trazer melhorias para o bairro.

“Na época eu saía com o carro convidando o pessoal né, quase que toda a semana a gente tinha uma reunião.

Foi muito importante porque o pessoal participava mesmo, a gente convidava e o pessoal ia em números é grande de pessoas, a qual as autoridades via interesse de cada um”.

¹⁴ - Estatuto da Associação de Moradores do Bairro Dona Zulmira, apud, LIMA, Sandra F. C. Urbanização e Associação de Moradores do Bairro Dona Zulmira em Uberlândia no Período de 1979-1988. Trabalho de Monografia, mimeo, 1988, p. 26

Os moradores reivindicavam pavimentação, pré escolar, viaduto para BR-365, coletivo, etc.

“Quase toda a semana a gente tinha uma reunião para pavimentação, outra pra pré escolar, outra pra creche comunitária”.

Percebe-se que entre os moradores havia um interesse comum na busca dessas melhorias para o seu bairro, e por parte da prefeitura uma postura de tentar controlar as solicitações e as ações tomadas através dos representantes da prefeitura nas reuniões.

Em geral essas reuniões permitiram uma politização dos moradores, na medida em que as soluções propostas para os vários problemas, apesar da atuação marcante da administração municipal, eram conflituosas como se percebe na questão da pavimentação por exemplo.

“A pavimentação teve algumas divergências porque, na época, muitos queriam asfalto e outros não tinha condição de pagar o asfalto. Então foi proposto pra nós os briquetes, né que então teve uma série de divergência a respeito, mas é fizemos uma votação pra ver realmente o que era viável pro bairro, né pro pessoal, as condições de pagar, e decidimos que a pavimentação por briquetes na época era mais em conta. Então agitamos por briquetes, e aí sim foi pavimentado”.

No entanto as soluções às reivindicações não vinha de forma imediata, conforme constata Sandra nas atas da associação:

“Assunto: A pavimentação: tivemos a reunião com o secretário de obras, José Francisco e com a presença do Sr. Prefeito (vice) Custódio para tratarmos do assunto da pavimentação, estavam presentes alguns membros da associação de moradores do bairro Dona Zulmira. Nesta

reunião foi decidida com o secretário de obras e a população do bairro a realização de quinze mil metros de pavimentação”.

Estas obras serão feitas no início de Outubro com o término no dia 10/11/88”.⁽¹⁵⁾

Mas conforme constata Sandra:

“O período estipulado para a entrega da pavimentação não está sendo cumprido, mas as obras continuam em andamento”.⁽¹⁶⁾

Mesmo com essa morosidade a pavimentação foi uma das conquistas dos moradores no bairro Dona Zulmira .

Após o término da pavimentação a cobrança efetuada aos moradores foi motivo de descontentamento, conforme fala de um morador:

“Não foi o valor que tinha sido combinado”. Os valores que vieram foram altos.

“Marcamos uma reunião no salão paroquial da Igreja N.S.^a do Carmo com o prefeito para negociar, rever esses valores. O salão ficou lotado, que ficou gente de fora. Aguardamos mais de uma hora, quando chegou o engenheiro da obra de pavimentação, alegando que o prefeito precisou viajar.

“Houve uma grande pressão dos moradores ao engenheiro questionando os valores cobrados que não eram coerentes tanto com a pavimentação que era briquetes e não asfalto, e com realidade dos moradores que não tinham condições de pagar, e queriam uma solução.

“O engenheiro meio que apavorado com que estava acontecendo, ficou responsável por dar uma solução”.

Na semana seguinte os moradores foram chamados à prefeitura para negociarem os valores a serem pagos, que conforme o morador do bairro, diminuiu e ainda foi divididos em várias parcelas.

¹⁵ - Atas da Associação de Moradores do Bairro Dona Zulmira , apud, id. Ibid, p. 32.

¹⁶ - id. ibid, p. 33.

Dai se pode inferir que esta relação com o poder público exigia uma mobilização constantes dos moradores. Outro exemplo disso talvez esteja também na questão da Br 365.

“A gente fez um movimento por causa da BR 365”.

A BR 365 fica no meio do bairro Dona Zulmira. A necessidade de atravessá-la para ir a igreja, para ir ao frigorífico, a escola, era inevitável. Com o trânsito de veículos intenso em velocidade extremamente alta, provocou vários acidentes, e mortes.

Isso causou nos moradores uma revolta, os quais buscou os meios legais junto a prefeitura que era através de abaixo assinados, que solicitavam passarela, quebra mola, algo que melhorasse para os pedestres.

O não atendimento de imediato, e os acidentes acontecendo, os moradores se organizaram e em número expressivo pararam o trânsito da BR-365, jovens e velhos tiveram sua contribuição participando com faixas, cartazes, chamando a imprensa, para notificar esse momento. Com isso conseguiram negociar de imediato quebra mola, e um projeto de algo melhor que fosse colocado no papel, que futuramente foi um viaduto, construído em outra gestão.

Este momento foi registado pela imprensa e divulgada pela TV Globo no jornal nacional. E também foi único noticiário encontrado sobre as ações dos moradores do bairro Dona Zulmira, nos jornais pesquisados, sendo noticiado no jornal Primeira Hora.

Portanto é possível perceber que o projeto do candidato do PMBD que visou um governo participativo através das associações, mesmo composto de um

jogo político, ideológico, ajudou a garantir a sua eleição, mas por outro lado os moradores souberam utilizar desse momento através de vários mecanismos utilizados para buscarem as necessidades para o seu bairro.

Na predisposição dos moradores em se organizarem para lutarem por seus direitos, percebe-se uma consciência política, a qual advém dos vários movimentos existentes na sociedade, que se agruparam no sentido de melhores condições sociais. Destacando aqui os militantes da pastoral operária que se articularam, abrindo espaço para discutir e lutar pela questão do trabalhador, o qual se realizou neste período por exemplo, com a eleição da chapa de oposição ao sindicato. A trajetória dessa luta tratarei no capítulo II.

CAPÍTULO II

*A Oposição Sindical e a Luta Pela
Conquista do Sindicato*

O movimento sindical na cidade de Uberlândia no início da década de 80, sofreu grandes mudanças, pois o que permanecia era um sindicato caracterizado como extremamente patronal e conservador. O papel do sindicato era assistencialista, firmando convênios odontológicos, farmacêutico etc., e não se questionava os salários, e as condições de trabalho.

Enquanto instituição que representa o trabalhador não age como tal. Essa percepção está na própria fala de um sindicalista:

“As pessoas não tinha como reclamar o seu direito, alguma coisa que ela ia pedir, não isso eu tô sendo lesado, na hora extra, no meu salário, não é isso que foi combinado no início, agora tá sendo pago. Ele não tinha a onde reclamar. Se fosse reclamar pro sindicato, a diretoria que tava lá era uma diretoria de confiança da empresa, se ele fosse a algum órgão público, todos os órgãos públicos estavam em comunhão com a ditadura militar”.

O regime militar exerceu um grande autoritarismo tentando impedir movimentos que eram contrários aos seus ideais, os quais eram manter um país sob ordem e disciplina.

Fazendo uma análise sobre as fontes pesquisadas, é possível perceber mudanças na forma de atuação do sindicato, com maior participação e

conscientização dos trabalhadores, que passam a lutar por melhores condições salariais e melhores condições no ambiente de trabalho.

Alguns trabalhadores tinham consciência de que o regime militar dificultou muito o movimento dos trabalhadores e facilitou a formação de um sindicato que se fazia presente, conservador.

“Os anos 80 foi a década que a gente realmente teve no movimento sindical uma forma de expressar bastante representativa. Foi um período muito rico, caracterizado pelas reivindicações”.

A busca desta organização dessa parcela de trabalhadores não foi fácil e também não foi passiva. Percebe-se que essa força foi oriunda de pessoas interessadas em debaterem as dificuldades do dia a dia. E diante das barreiras encontradas na atual gestão do sindicato, e da repressão aos movimentos dos trabalhadores, a igreja através da Pastoral operária que tinha o objetivo de discutir a questão do trabalhador, abre espaço para as pessoas que estão a procura desta discussão.

“A nossa entrada na organização da luta sindical deu-se no ano de 79, mas precisamente no mês de fevereiro, numa reunião no bairro Roosevelt, com vários operários de categoria diferenciadas. Era a primeira reunião da pastoral operária”.

É possível perceber que o contato com as várias experiências diferenciadas permitiu a esse grupo conhecer a realidade do trabalhador em várias fábricas de Uberlândia.

Esse grupo não estava isolado, mantinha-se informado das notícias em jornais, televisão, rádio do que estava acontecendo no país, e segue uma determinada linha política conhecida como esquerda. Dessa forma o grupo foi se organizando.

“Fizemos várias assembléias com costureiras, construção civil, alimentação, metalúrgicos, domésticas”.

Diante disso o grupo foi se fortificando, se conscientizando a tal ponto de ocasionar mudanças no seu próprio setor de trabalho. Começaram a planejar atuação junto aos trabalhadores na fábrica, conscientizando-os de seus direitos e das injustiças cometidas para com eles.

E o caminho que escolheram foi formar a chapa de oposição sindical nos vários setores de trabalho.

“A gente chegou num ponto que o principal objetivo era as oposições sindicais, então as pessoas mais representativas de cada categoria, começou a trabalhar para montar a chapas de oposições”.

Esse trabalho exigia vontade, perseverança, criatividade, luta, otimismo, porque a maioria dos trabalhadores ainda estavam cercados pelo medo da repressão, e com isso não seria fácil atraí-los para uma luta política.

“Nos anos 80 havia perseguição também mas o método utilizado pelas empresas era a demissão com informações ruins sobre as pessoas. Nesse sentido os trabalhadores não tinham opção de trabalho, e a família para tratar, se resguardavam de envolvimento na luta política”.

Nesse sentido é possível perceber que as dificuldades para os trabalhadores formarem uma chapa de oposição seriam latentes. Escolhi a formação da chapa de oposição da alimentação para retratar essa trajetória.

A chapa de oposição do sindicato da alimentação começou a ser articulada por membros ligados ao grupo da pastoral operária. Os movimentos desses trabalhadores foram acontecendo de forma discreta, contando com o envolvimento de mais militantes engajados na busca de melhores condições para o trabalhador.

A forma criativa que os militantes articulavam, chamam a atenção dos seus colegas que começaram a participar das assembléias e também por outro lado forçava a diretoria do sindicato, abrir espaço para as discussões que estavam acontecendo .

"Fazíamos revezamento nas intervenções para não marcar de mais uma pessoa".

Nota-se que os trabalhadores começam a participar das reuniões, o que vem a exigir mais e mais dos militantes, que precisavam ter uma preparação para saberem lidar com os trabalhadores, e ter propostas concretas.

O grupo então procurou auxílio para a sua formação, encontrando apoio de outros militantes de esquerda, os quais tinham interesses comuns.

O envolvimento dos militantes era tão forte na busca de mudanças que utilizavam até de seus descansos (folgas), para participarem de assembléias, reuniões, que ajudavam na sua auto formação.

Cada vez mais procurando a conhecer os problemas, os militantes passavam a ser mais cautelosos, e criavam mecanismo para transmitir aos seus colegas a necessidade de se unirem e lutarem por seus direitos.

Nesse contexto é que surge a chapa de oposição do sindicato da alimentação.

A luta e a perseverança desses militantes foi de grande relevância, pois conseguiram reunir vários trabalhadores e a formarem a chapa de oposição, conforme relata um sindicalista:

“As reuniões eram feitas as escondidas, tanto para preservar o companheiro como para não correr o risco da chapa ser desmontada no meio do caminho”.

Conseguimos os 24 companheiros era uma exigência do estatuto oficial, tinha que ser esse o número ou dois terços dele, pra ter validade o registro da chapa”.

Diante dessa primeira conquista que deveria ser comemorado é apenas o começo de uma luta, pois com a chapa montada, a oposição encontra barreiras para concorrer a votação. Percebe-se um grande interesse da chapa em vigência em desarticular o movimento da chapa II. Um dos momentos que isso ocorre é no registro da chapa.

“Eu e um companheiro da Souza Cruz, fomos registrar a chapa num dia de sábado, foi uma dificuldade das maiores”.

Nós precisamos sair correndo atrás de um companheiro em Uberaba, pedir socorro para ele vir nos ajudar, fizemos daqui em Uberaba mais ou menos 50 minutos e de volta pra cá mais ou menos o mesmo tanto, com velocidade meio exagerada, mais ainda alcançamos o sindicato aberto, fizemos a documentação necessária para um caso de justiça e

tocamos o barco, pegamos o recibo de entrega da chapa e consideramos aquilo um registro”.

A chapa foi registrada mas usaram outros meios para tentar impugnar, a eleição, é o que se percebe no jornal Primeira Hora.

“o candidato ao cargo de presidente da chapa II, informou que foi requerido junto a delegacia Regional do trabalho pedidos de impugnação da candidatura de três integrantes da chapa II, mas as razões não tem fundamentos”.⁽¹⁷⁾

Recorrendo a justiça a chapa II oposição, conseguiu ganhar esta causa e disputar as eleições em Janeiro de 1983.

Na primeira eleição a chapa II ganhou, porém não deu quorum necessário, conforme lei para tomar posse.

“Apesar da chapa 2 ter obtido um maior número de voto que a sua concorrente chapa 1 na última eleição realizada nos dias 21,22 e 23 de Janeiro/83, o pleito foi inválido, pois a chapa vencedora não atingiu a maioria absoluta, que consiste em 50% dos associados mais um”.⁽¹⁸⁾

Nota-se, portanto, a importância do trabalho de base que os militantes da chapa II fizeram, mesmo sob pressão da chapa I, em manter um sindicato sem autonomia onde não estavam presentes somente os sindicalistas, mas com o apoio de patrões e da justiça a qual não intimidou os trabalhadores que foram as urnas e votaram em sua maioria para a chapa II.

Durante a primeira eleição algumas irregularidades foram encontradas, como: não constar 400 nomes de trabalhadores que tinham direito a voto e não

¹⁷ - Jornal Primeira Hora 14/01/83 nº 387.

¹⁸ - Jornal Primeira Hora 14/01/83 nº 47

estarem relacionados na relação do sindicato, votando a parte, isso foi outra forma que a diretoria do sindicato utilizou para “bagunçar” ou impedir as eleições.

“Marcada nova eleição para a escolha da diretoria do sindicato dos trabalhadores da indústria da alimentação de Uberlândia para os dia 3, 4 e 5 de Fevereiro”.⁽¹⁹⁾

A segunda eleição demonstrou a mudança de comportamento de vários trabalhadores, participando, e procurando a lutar por seus direitos, elegendo a chapa II como seus representantes.

“Ganhamos com uma larga diferença”.

Mesmo sendo eleita chapa II (oposição) foi impedida de assumir, sendo levado para a justiça esse processo. Com essa eleição, demonstra mais uma vez o autoritarismo, mas por outro lado deixa marcado a grande força do trabalhador que não ficou de braços cruzados esperando, e também a união dos movimentos de esquerda no sentido de apoiar a chapa II.

“O coordenador geral do Sintel, colocou a nossa disposição o departamento jurídico. Ele montou todo um processo contra o delegado regional do trabalho”.

Apesar do apoio houve morosidade por parte da justiça que conforme conclui um sindicalista: A justiça estava inserida no conservadorismo, apoiando órgãos interessados em manter o trabalhador sob controle.

Porém isso não foi impecilho para continuarem lutando, participando de encontros e debates, e denunciar as injustiças ocorridas em todo país.

¹⁹ - Jornal Primeira Hora 29/01/83 nº 47.

“Nós conseguimos um ônibus cheio de trabalhadores e trabalhadoras e fomos para São Bernardo do Campo, fundar a CUT (Central única dos trabalhadores). Foi momento de grande alegria, momento de grande emoção. Fiz lá várias denúncias, sobre o problema de nossa eleição”.

Essas reuniões eram momentos de grandes reflexões, onde encontrava militantes de diversas categorias e que possivelmente fortalecia não só os movimentos sindicais, bem como o partido dos trabalhadores o PT.

Vários meios de pressão foram utilizados contra a chapa de oposição do sindicato dos alimentícios, desde as dificuldades encontradas para registrar a chapa, a tentativa de impugnar a eleição, impedimento de assumir após eleita, a morosidade da justiça e também a demissão do presidente da chapa .

A demissão do sindicalista, gerou grandes protestos conforme mostra o Jornal Primeira Hora.

“O partido dos trabalhadores vem a público repudiar a atitude desta empresa por considerá-la arbitrária, violando os direitos de garantia do emprego e a livre organização dos trabalhadores”.⁽²⁰⁾

Mesmo diante dessas manifestações, das denúncias ,a diretoria eleita consegue assumir somente três anos depois, com a troca de Ministro e do delegado regional do trabalho, e o sindicalista demitido não conseguiu voltar para a mesma empresa, conseguiu trabalho em outra empresa da mesma categoria.

“Se não fosse a troca de ministro do delegado Regional do trabalho, imagino que nós não tomaríamos posse.

A posse aconteceu no dia 21 de Fevereiro de 1986.”

²⁰ - jornal Primeira Hora 22/02/84 nº 694.

Com a conquista da posse, podemos observar que a postura política se diferenciou da anterior gestão, isso é perceptível nos movimentos dos trabalhadores que faziam parte desse sindicato, como por exemplo os movimentos dos trabalhadores da empresa Souza Cruz, como se pode depreender das notícias nos jornais da época:

*“ Advertência Deixa Souza Cruz Parada por 24 Horas
Funcionários da companhia de cigarros Souza Cruz de Uberlândia paralisaram suas atividades pelo período de 24 horas ininterruptas em sinal de protesto a atitudes adotadas pela empresa em não se manifestar até agora sobre as reivindicações dos trabalhadores que sugerem um reajuste de 80% nos seus salários. ”⁽²¹⁾*

Isso fez com que a empresa tomasse uma decisão a qual também não satisfez os funcionários como também podemos perceber em outra reportagem do jornal primeira hora:

*“Funcionários da Souza Cruz Pararam: Aumento.
Depois de não acatado os resultados da convenção coletiva entre os sindicatos patronais e dos trabalhadores da Indústria da alimentação os funcionários decidiram entrar em greve por tempo indeterminado”.⁽²²⁾*

Não houve um ganho salarial que os funcionários estavam aguardando, mas por outro lado a greve mostrou que grande parte dos os trabalhadores estavam reagindo para conquistar os seus direitos e de uma certa forma denunciava a estrutura sindical que perdurou por vários anos. Isso é perceptível também através das várias greves ocorridas na cidade nesse período, como: a

²¹ - jornal Primeira Hora 13/08/86 nº 1318.

²² - jornal Primeira Hora 21/09/86 nº 1331.

greve dos bancários, professores, funcionários públicos, eletricitários, construção civil, etc.

E conforme conclui Eder Sader:

“Entre as rupturas que marcou todas as transições, uma das mais impressionantes nesta que estamos tratando é certamente o que cruza a história do movimento operário, ou das “classes populares”, ou dos setores dominados e esta própria nomenclatura, presente nas interpretações sobre esses fatos, já indicava uma novidade na forma como eles apareceram que se acomodava mal as denominações já feitas”.⁽²³⁾

A partir do momento em que uma parcela de pessoas se organizaram, houve um processo longo de luta, de forma criativa e alternadas, o que possibilitou a conquistar objetivos comuns.

Essa análise deixa claro também a grande força que a elite uberlandense possui, e isto é evidente com eleição para prefeito acontecida em 1996 na cidade, onde um mesmo prefeito ganha pela 4ª vez a eleição. Mas por outro lado verificamos a grande importância da organização e luta para se alcançar conquistas, como ocorreu com o Sindicato da Alimentação.

²³ - SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram em Cena, Esperanças e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. RJ, Paz e Terra, 1988, p. 26.

Considerações Finais

O desenvolvimento da minha pesquisa foi realizado a partir da fonte escrita e oral. Entrevistando pessoas. Cada uma dessas fontes me forneceram elementos que ao longo da pesquisa serviram de base para a construção de minha dissertação, pois abriram possibilidades para um resgate substancial de experiências referentes a movimentos históricos específicos e envolvendo várias pessoas ligadas a estes, tanto na Associação de Moradores, quanto no Sindicato da Alimentação. As fontes documentais aqui utilizadas são ricas, no sentido de fornecer várias opções para análises diferenciadas.

A monografia tem dois aspectos mas o desfecho está, justamente, na ligação desses enfoques no mesmo tipo de fonte de acordo com o que vim escrevendo durante o trabalho.

Tanto no bairro como na fábrica existia uma organização da grande parte da classe popular, que de uma forma ou de outra, tiveram acesso a política, mesmo existindo uma certa dominação, foi possível a partir daí algumas conquistas por parte da população, destacando a importância da Igreja Católica.

Nesse processo de lutas, onde existe interesses divergentes, nenhuma parte consegue impor totalmente a sua vontade sempre existe conquista da classe subordinada, obrigando a outra classe a ceder em alguns pontos.

Existiu sempre uma preocupação no decorrer do trabalho de resgatar nos documentos vestígios dessa luta, e foram as pequenas conquistas que me levaram

a concluir, que não existe uma passividade total de acordo com certos trabalhos que existe a respeito do tema, e que a experiência de vida dos integrantes desses movimentos deixa isso claro, tanto nas fontes orais como na escrita. As pessoas utilizaram do processo para conseguir algo.

Utilizei uma documentação restrita sendo dado enfoque em apenas uma associação e um dos sindicatos. Entretanto a metodologia da pesquisa poderia se alargar muito mais, não só apenas nessas organizações como em várias outras organizações sociais.

Além disso existe os aspectos das relações sociais, específicas de um determinado bairro decorrente de uma cultura popular, impedida de usufruir de benefícios disponíveis à classe dominante. Esses aspectos culturais próprio desta classe necessitam serem resgatados por uma pesquisa mais aprofundada, procurando entender como se dá o processo histórico no conjunto social, não ficando preso a história oficial, entretanto com a preocupação de não fazermos apologia da história dos dominados, temos que resgatar a história em seu todo.

Um outro viés de pesquisa necessário seria explicar como esses movimentos perderam seu caráter político e se voltaram para preocupações com infra-estrutura e que apenas atenda sua corporação. Com a preocupação de verificar até que ponto é que ocorreu esse processo, quais os aspectos que estão gerando isso, a importância desses movimentos populares hoje, como as organizações sociais estão por trás desses acontecimentos, que dificuldades estão enfrentando, contra quem estão lutando, qual o papel da igreja e da mídia hoje.

Eder Sader mostra como as ^{lutas} formas sociais influenciaram nas transformações sociais, esse autor me deu suporte durante a dissertação, para analisar como esse processo estava acontecendo em Uberlândia, mais especificamente no tema tratado na monografia. Além deste autor busquei reflexões sobre o tema proposto neste trabalho, que me auxiliaram bastante, em minhas análises e reflexões.

Fontes

JORNAL PRIMEIRA HORA:	Período 1980-1986
JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA:	Período 1985-1986
FONTES ORAIS:	Entrevistas com moradores

Bibliografia

ALMEIDA, Antônio. Movimentos Sociais e História Popular: Santo André nos Anos 70 e 80. São Paulo, Marco Zero, 1992.

ALVARENGA, Nizia M . As Associações de Moradores em Uberlândia: Um Estudo das Práticas Sociais e das Alterações nas Formas de Sociabilidade. PUC, São Paulo, mimeo, 1988.

BOFF, Clodovis. A Influência Política das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Religião e Sociedade, RS, nº 4, 1979.

_____. Comunidades Eclesiais de Base e Práticas de Libertação. RS, Vozes, 1980.

BOITO, Armando. (org.) O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80. RS, Paz e Terra, 1991.

BOSCHI, Renato Raul. (org.) Movimentos Coletivos no Brasil Urbano. Col. Debates Urbanos . nº 5, RS, 1983.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e Resistência, SP, Brasiliense, 1986.

DOIMO, Ana Maria. Os Rumos dos Movimentos Sociais nos Caminhos da Religiosidade, in: KRISKE, Paul & SCOLT, M. (Org.). Igreja nas Bases em Tempo de Transição 1974-1985. Editora L & M, 1986.

KOWARICK, Lúcio (org.). As Lutas Sociais e a Cidade de São Paulo: Passado e Presente. Paz e Terra, SP, 2ª ed., 1994.

KRISKE, Paul & SCOLT, M. (Org.). Igreja nas Bases em Tempo de Transição 1974-1985. Editora L & M, 1986.

LIMA, Sandra F. C. Urbanização e Associação de Moradores do Bairro Dona Zulmira em Uberlândia no Período de 1979-1988. Trabalho de Monografia, mimeo, 1988.

OLIVEIRA, Lúcia L. O Movimento Operário em São Paulo - 1970-1975, in: SADER, Emir. (org). Movimentos Sociais na Transição Democrática. SP, Cortez, 1987.

SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram em Cena, Esperanças e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. RJ, Paz e Terra, 1988.

SADER, Emir. (org). Movimentos Sociais na Transição Democrática. SP, Cortez, 1987.

TELLES, Vera Silva. Anos 70: Esperanças, Práticas e Espaços Políticos, in: KOWARICK, Lúcio (org.). As Lutas Sociais e a Cidade de São Paulo: Passado e Presente. Paz e Terra, SP, 2ª ed., 1994.

VARUSSA, Rinaldo José. Pastorais Operárias: Religiosidade, Propostas e Práticas Políticas. São Paulo, 1964-1975, PUC/SP, dissertação de mestrado.